

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Thiago Carvalho dos Santos

**A REPRESENTAÇÃO LGBT EM UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES,
DE VITOR MARTINS**

**Taubaté – SP
2020**

Thiago Carvalho dos Santos

**A REPRESENTAÇÃO LGBT EM UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES,
DE VITOR MARTINS**

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Licenciatura) da Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva

Taubaté – SP

2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - Unitau**

S237r Santos, Thiago Carvalho dos
A representação LGBT em Um milhão de finais felizes, de Vitor Martins /
Thiago Carvalho dos Santos. -- 2020.
44 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade de Taubaté, Departamento de
Ciências Sociais, Letras e Serviço Social, Taubaté, 2020.

Orientação: Prof. Dr. André Luiz da Silva, Departamento de Ciências
Sociais e Letras.

1. Identidade. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura contemporânea.
4. Personagem homossexual. 5. Sociedade. I. Universidade de Taubaté.
Departamento de Ciências Sociais, Letras e Serviço Social. Graduação em
Letras. II. Título.

CDD – 801.95981

Ficha catalográfica elaborada por **Shirlei Righeti – CRB-8/6995**

Thiago Carvalho dos Santos
A representação LGBT em Um milhão de finais felizes, de Vitor Martins

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (Licenciatura) da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Prof. Dr. André Luiz da Silva

Data: 04 / 12 / 2020

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr.: André Luiz da Silva

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Adriana Cintra

Assinatura: _____

Professora M^a.: Thais Travassos

Assinatura: _____

Dedico esse trabalho a todos meus amigos que me apoiaram nos meus momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador, André Luiz, por me acompanhar nessa dura jornada. A sua compreensão e calma foram de grande ajuda, me dando a confiança necessária para a realização desse trabalho.

Agradeço a cada um dos meus professores que tive durante a graduação. Cada um me ensinou algum conhecimento que tenho certeza que foi fundamental para minha formação. Agradeço em particular o professor mestre Luzimar Gouvêa que, além das ótimas aulas, me trouxe a oportunidade de fazer parte do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa (GELP), que foi onde passei os melhores momentos da minha graduação.

Agradeço a meus colegas de classe, que embora tantos, sinto que aprendi algo com cada um. Agradeço em especial todos meus colegas de GELP: Lucas, Thayara, Erick, Gabriel, Maria Eduarda, Camila, Eduardo, Cauan, Lorryne, e até mesmo Mayla que embora não fizesse parte do GELP estava sempre presente. Vocês transformaram esses anos na universidade numa experiência única e inesquecível.

Agradeço a meu grupo de amigos fora da faculdade: Ana Carolina, Miguel, João e Patrick que também me ajudaram muito com seu apoio, momentos de lazer e muitas risadas.

Agradecimento muito especial para meu namorado Pablo que conheci no meio dessa trajetória e que foi a melhor coisa que pode me acontecer nesse tempo. Eu cresci e amadureci muito por tê-lo conhecido. Às vezes ainda acho que ele é bom demais para mim, mas sou muito feliz por tê-lo ao meu lado.

A todos os amigos citados ou não citados aqui, sou muito grato e de verdade espero levar uma parte de vocês para sempre comigo.

E claro, o maior agradecimento vai para minha família, em especial aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões. Eles sempre puderam me proporcionar tudo que eu quis e sou eternamente grato. Peço desculpas por todos os choros que tiveram de aguentar e prometo retribuir por tudo que já fizeram, obrigado mais uma vez.

RESUMO

O tema deste trabalho é a forma como são representados os membros da comunidade LGBT na literatura, mais especificamente na obra *Um milhão de finais felizes* de Vitor Martins. O problema de pesquisa é como são representados membros da comunidade LGBT e de que forma se percebe o social na literatura, mais especificamente dentro da obra de Martins. O que justifica a pesquisa é o alto índice de mortes de LGBTs no país. Segundo os dados do relatório anual de 2019 realizado pelo Grupo Gay da Bahia, o Brasil é um dos países que mais mata LGBTs no mundo. A cada 26 horas um LGBT é assassinado ou se suicida vítima de LGBTfobia. A forma como a sociedade vê essas minorias influencia muito esses dados, assim a literatura pode ser uma aliada para que aconteçam mudanças. O objetivo deste trabalho foi verificar a representação dos membros da comunidade LGBT dentro da literatura. A pesquisa baseou-se nos estudos sobre literatura e sociedade; sobre a construção discursiva de identidades sociais; e sobre a representação homossexual na literatura brasileira. O método é qualitativo e bibliográfico, pois analisaremos a obra de Martins em busca das características sociais e a forma que as personagens LGBTs são representadas. Os resultados nos mostraram um novo discurso literário que vem se manifestando em diversos autores contemporâneos, um novo ponto de vistas dos próprios membros da comunidade, personagens mais humanas que vão além da sua sexualidade. Assim, os resultados desse estudo podem concluir que a literatura se transforma simultaneamente às mudanças na sociedade, essa dinâmica mostra a ampliação das dimensões da vida humana consideradas na construção das personagens, um progresso com relação ao respeito e à tolerância, em comparação com as antigas representações estereotipadas presentes na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Literatura brasileira. Literatura contemporânea. Personagem homossexual. Sociedade.

ABSTRACT

The theme of this work is the way the members of the LGBT community are represented in literature, more specifically in the work *Um milhão de finais felizes* by Vitor Martins. The research problem is how members of the LGBT community are represented and how the social is perceived in literature, more specifically within Martins' work. What justifies the research is the high rate of LGBT deaths in the country. According to data from the 2019 annual report by Grupo Gay da Bahia, Brazil is one of the countries that kills the most LGBT people in the world. Every 26 hours an LGBT is murdered or commits suicide as a victim of LGBTphobia. The way society views these minorities influences this data a lot, so literature can be an ally for changes to happen. The objective of this work was to verify the representation of the members of the LGBT community within the literature. The research was based on studies on literature and society; on the discursive construction of social identities; and about homosexual representation in Brazilian literature. The method is qualitative and bibliographic, as we will analyze Martins' work in search of social characteristics and the way that LGBT characters are represented. The results showed us a new literary discourse that has been manifesting itself in several contemporary authors, a new point of view of the members of the community themselves, more human characters that go beyond their sexuality. Thus, the results of this study can conclude that the literature is transformed simultaneously with changes in society, this dynamic shows the expansion of the dimensions of human life considered in the construction of the characters, a progress in relation to respect and tolerance, in comparison with the old ones stereotyped representations present in the literature.

KEY-WORDS: Identity. Brazilian literature. Contemporary literature. Homosexual character. Society.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA ANALISADA.....	12
2.1. O AUTOR E SEU PÚBLICO.....	12
2.2. MOVIMENTO LGBT HISTÓRIA E CONQUISTAS	14
3. A RELAÇÃO DA LITERATURA COM A SOCIEDADE	21
3. 1. O SOCIAL COMO INTERNO.....	21
3. 2. IDENTIDADES SOCIAIS	24
4. UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES: ANÁLISE DOS FATORES SOCIAIS NA OBRA	31
5. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da forma que são representados os membros da comunidade LGBT na literatura, mais especificamente na obra *Um milhão de finais felizes* de Vitor Martins. O livro conta a trajetória de Jonas em busca de sua aceitação de sua própria sexualidade e a relação dele com sua família.

Gênero é o conceito utilizado para caracterizar as formas pelas quais a sociedade classifica os indivíduos vinculados a lugares sociais, inicialmente, estabelecidos pelas distinções de sexo. Já a forma como uma pessoa se vê e é vista pelos outros como masculino ou feminino, conforme os sentidos que esses vocábulos têm na cultura de sociedades dadas, receberá o nome de identidade de gênero. No entanto, a identidade de gênero extrapola a disseminada visão binária sobre o sexo e a sexualidade humana, traduzindo o contínuo biológico entre o masculino e feminino numa diversidade de formas de ser e se perceber. Como lembram Zambrano e Heilborn (2012, p. 412),

Possuir um sexo biológico, no entanto, não implica automaticamente uma identificação com as convenções sociais de um determinado contexto, no que concerne a ser homem ou mulher. O lugar simbólico a ser ocupado nas relações com os outros, os tipos de roupa que deve vestir, os comportamentos prescritos e os interditados, além dos sentimentos que são associados a um determinado sexo/gênero, definem a identidade de gênero.

Durante o trabalho será utilizado a versão reduzida LGBT para se referir à diversidade concernente às identidades de gênero, por um efeito de simplificação da escrita e da leitura, no entanto, leva-se em consideração a versão mais completa da sigla hoje utilizada pela comunidade e movimento, LGBTQIA+, que tem sido utilizada como recurso para dar visibilidade, exatamente, à enorme pluralidade contida no fenômeno da identidade sexual e de gênero. A comunidade abrange um grande número de pessoas que se reúnem buscando acolhimento, é um movimento político que luta pelos direitos de todos os indivíduos que dela fazem parte. Apesar de que dentro da própria comunidade ainda existem membros que são mais privilegiados que outros. Alguns dos grupos como os gays e as lésbicas conseguem muito mais destaque do que o restante, isso se manifesta nas representações que encontramos não só na literatura como na mídia.

Por isso, buscamos com esse trabalho a resposta para o seguinte problema: como são representados membros da comunidade LGBT e de que forma o social se manifesta na literatura, mais especificamente dentro da obra de Martins.

O problema social que motivou a pesquisa é que, segundo os dados do relatório anual de 2019 realizado pelo Grupo Gay da Bahia, o Brasil é um dos países que mais mata LGBTs no mundo. A cada 26 horas um LGBT é assassinado ou se suicida vítima de LGBTfobia. São números alarmantes considerando ainda que morrem mais homossexuais e transexuais no Brasil do que em 13 países do Oriente e da África onde ainda existe pena de morte contra os LGBTs. A forma como a sociedade vê essas minorias influencia muito esses dados, assim a literatura pode ser uma aliada para que aconteçam mudanças, o que justifica essa análise. O objetivo geral deste trabalho é verificar como são representados os membros da comunidade LGBT e de que forma podemos perceber o meio social dentro da literatura, para isso o foco da análise é a obra *Um milhão de finais felizes*, de Vitor Martins. Os objetivos específicos são: estabelecer o contexto de produção da obra, ao mesmo tempo, em que estabelecemos um panorama histórico do movimento LGBT; mostrar as diversas formas que podemos perceber o social presente na literatura, para a realização da análise; e por fim, definir a forma como encontramos a representação nas obras contemporâneas.

O método de pesquisa é qualitativo e bibliográfico, pois analisaremos a obra de Martins em busca das características sociais e a forma que as personagens LGBTs são representadas. A pesquisa baseou-se nos estudos de Antonio Candido sobre literatura e sociedade; o artigo de Luciana Marinho Fernandes da Silva sobre a construção discursiva de identidades sociais; e o artigo de Juliana Gervason Defillipo sobre a representação homossexual feminina na literatura brasileira.

O trabalho está dividido em três capítulos, além dessa introdução e da conclusão: no segundo capítulo estabelecemos uma elaboração do contexto de produção, verificando a forma que Martins enxerga seu papel social na luta LGBT, e a forma como os membros da comunidade foram tratados e vistos pela sociedade, principalmente os problemas que enfrentaram e ainda tem de superar. ; no terceiro abordamos os estudos de Candido e Silva sobre a relação da literatura com a sociedade, que nos mostra que a literatura é parte intrínseca e indissociável da sociedade e, portanto, uma exerce grande influência sobre a outra; e no quarto capítulo apresentamos os elementos sociais em *Um milhão de finais felizes* e estabelecemos como são representados os LGBTs na literatura contemporânea, constituem um

novo discurso literário em que não há necessariamente distinção de gênero ou sexualidade, mas sim novos fluxos e trânsitos para se pensar as personagens homossexuais. Sendo tratadas de forma mais humana e facilmente relacionáveis e não de forma depreciativa e excludente, e também existe uma crítica ao sistema social e familiar. A conclusão retoma o problema de pesquisa e traz uma possível resposta, construída a partir do percurso desenvolvido para a realização desse estudo, apontando que o social é parte intrínseca da literatura, onde uma parte afeta a outra. Percebemos na obra um novo discurso literário do ponto de vista de uma minoria que adquiriu seu local de fala. Com isso nota-se uma nova representação que foge da concepção ultrapassada, na qual, os LGBT eram mal vistos. Não são mais uma figura caricata e depreciativa. O personagem ser LGBT não passa apenas de uma característica como a cor do seu cabelo. Ele é mais do que sua sexualidade. De certa forma vemos também uma crítica ao sistema familiar e a noções do senso comum a respeito das funções de gênero.

2. CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA ANALISADA

2.1. O Autor e seu público

“Um milhão de finais felizes” foi o segundo livro escrito por Vitor Martins, lançado no ano de 2018. O livro é um romance jovem adulto com temática LGBT. Para podermos falar com mais profundidade sobre a obra precisamos antes estabelecer seu contexto de produção com os dados do autor, sua finalidade, seu público-alvo e seu contexto sócio-histórico.

Vitor é um escritor brasileiro, formado em jornalismo pela Universidade Cândido Mendes de Nova Friburgo, digital influencer e ilustrador. Atualmente possui dois romances publicados com a temática LGBT destinados a adolescentes e jovens adultos. Podemos notar em suas obras aspectos de sua própria vida e conflitos que quase todos os membros da comunidade passam, tornando sua obra muito representativa para vários leitores. Em entrevista ao site Vai Lendo, Vitor fala um pouco sobre sua experiência e como considera importante que esse tipo de discussão seja levado ao público mais jovem:

Esse público está em fase de formação de caráter e de identidade, e é muito gratificante poder fazer parte direta ou indiretamente da formação desses leitores. Cada vez mais a literatura YA [Young Adult] está se enchendo de diversidade, e eu acho isso maravilhoso! Adolescentes que hoje têm a oportunidade de se enxergar em um livro e ver que está tudo bem ser LGBT, ser fora dos padrões, ser você mesmo. Muitos livros que eu li agora, na minha vida adulta, eu gostaria de viajar no tempo e entregar nas mãos do Vitor de 15 anos. Histórias assim mudam a vida do jovem leitor de maneiras muito inesperadas. Fico profundamente triste quando vejo pessoas diminuindo um livro por ser YA, mas prefiro focar meus pensamentos nos jovens que estão aí lendo e escrevendo suas próprias histórias. Esse público é incrível. Sobre os cuidados e desafios dessa escrita, volto na primeira questão que eu abordei: esses livros são destinados para pessoas que estão se formando. [...] (MARTINS, 2017, online).

Vitor está ciente de seu papel como formador de opiniões então decide abordar em suas obras temas relevantes e importantes de serem debatidos com seu público.

Se tratando mais especificamente de “Um milhão de finais felizes” temos a história do menino Jonas e sua emancipação de seus pais extremamente religiosos e conservadores, e seu amadurecimento e aceitação de sua própria sexualidade, ambas são situações comumente

vividas por jovens LGBT eventualmente, mas Vitor traz personagens tão bem elaborados e relacionáveis que qualquer leitor pode se colocar no lugar de Jonas e sentir seu sofrimento. Em entrevista ao site A Crítica, Vitor afirma essa característica da literatura como uma forma de compreender o ponto de vista do outro a partir de experiências similares:

Muita gente que têm se identificado com as relações familiares do Jonas não vive essa realidade, mas tem uma convivência ruim com o pai ou a mãe por qualquer outro motivo. Seja porque escolheu uma profissão que os pais não apoiam, ou decidiu se mudar de cidade, ou simplesmente pensa de forma diferente. O grande trunfo da literatura é justamente pegar esses pontos de identificação e colocar o leitor no lugar daquele personagem, para que ele possa entender as dores e as alegrias daquela pessoa imaginária. (MARTINS, 2018, online)

Na mesma entrevista, Vitor é questionado sobre o diferencial de seu trabalho e ele responde que é a forma como tenta aproximar o texto com o leitor por meio de personagens mais complexas e camadas com mais naturalidade:

Essa é uma pergunta muito difícil de responder porque as minhas histórias sempre partem de personagens muito comuns vivendo situações muito cotidianas e reagindo a elas. Mas acho que, além de toda a questão de colocar personagens LGBTQ+ com camadas que vão além da sexualidade, eu tento sempre contar as histórias com muito bom humor. Acho que inserir situações cômicas e pensamentos engraçados são uma maneira muito boa de aproximar o leitor e fazer com que ele goste dos personagens porque a gente tem a tendência de se sentir mais conectado com pessoas que nos fazem sorrir. (MARTINS, 2018, online)

Vitor é um de muitos outros novos escritores que tem ganhado espaço no mundo artístico contemporâneo e se destacado ao abordar temas que são, usualmente, pouco retratados para a grande maioria. Com sua escrita simples e de fácil acesso, mais pessoas de qualquer classe social podem fazer uso dela. Elas podem ter a capacidade de se sentirem representadas. Esse movimento em busca de representação tem crescido cada vez mais nos últimos anos e nunca teve tanto destaque.

Membros da comunidade LGBT têm batalhado por seus direitos constantemente. A literatura pode contribuir para a defesa dos direitos da comunidade LGBT como um meio de aproximação do público e contribuir para o fim do preconceito e mostrar aos leitores que eles não estão sozinhos nessa luta.

2.2. Movimento LGBT história e conquistas

É necessário estabelecer em que consiste um movimento social para que possamos mostrar as origens do movimento LGBT e suas motivações.

Segundo a socióloga Maria da Glória Gohn (1995, *apud* BEZERRA et al, 2013) os movimentos sociais são organizados coletivamente e tem caráter sociopolítico. Os indivíduos se organizam com o intuito de lutar por algum direito, mudança ou decisão que seja favorável à comunidade. Essa luta pode ser para algo com mais urgência como um aumento abusivo do preço da passagem de ônibus ou para algo mais voltado para o futuro como as lutas sociais pelos direitos de grupos oprimidos como mulheres, negros e LGBTs.

Ainda de acordo com Gohn (1995), movimentos sociais:

[...] são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 1995, p. 44, *apud* BEZERRA et al, 2013, p. 315).

Os exemplos de movimentos sociais mais conhecidos no Brasil são o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MSTs), o movimento negro e o próprio movimento LGBT.

Tendo em vista a longa história de repressão sofrida por homossexuais, lésbicas, transexuais e travestis que já perpetua há séculos, não é à toa a dimensão que esse movimento tomou. O marco que ficou conhecido como o início do contra ataque a essa repressão foi o episódio que ficou conhecido como a “rebelião de Stonewall”.

A década de 60 dos Estados Unidos foi bem marcada pela abusiva repressão policial, tendo acabado de sair da Segunda Guerra Mundial houve o crescimento do pensamento de extrema direita com medo do comunismo e querendo uma normalização da sociedade com a exclusão de quem não se encaixava nessa moral. Os homossexuais eram vistos como desviantes dessa norma e eram colocados no mesmo nível de criminosos. Com isso as punições contra a população LGBT se tornaram cada vez mais severas sendo ilegal

estabelecer relações homossexuais em todos os estados americanos com exceção de Illinois. A homossexualidade ainda era classificada como doença sob o nome de homossexualismo. Era considerado um desvio psicológico e submetiam os pacientes a tratamentos intensivos como eletrochoque ou castração.

Os únicos estabelecimentos que eram relativamente mais seguros eram os bares e baladas gays que ainda assim sofriam constantemente com abordagens policiais. *Stonewall Inn* era um desses bares onde se reuniam boa parte da comunidade. O bar era comandado pelo filho do chefe da máfia e com isso conseguia diminuir um pouco as batidas policiais. A máfia pagava propina para a polícia para que as rondas acontecessem em dias específicos. Até que no dia 28 de Junho de 1969 houve uma invasão policial para tentar fechar o estabelecimento de vez. No entanto, a polícia enfrentou resistência e uma multidão começou a se formar nos arredores do bar. Cerca de treze pessoas foram presas nesse primeiro momento. O confronto durou cerca de seis dias e reuniu milhares de pessoas cansadas dessa opressão. Importante citar aqui também Marsha P. Johnson uma travesti, negra e ativista pelos direitos LGBT que foi figura importante nos protestos. Esse incidente acabou sendo o pontapé inicial para o surgimento de diversas organizações que lutam pelos direitos LGBT como a *Gay Liberation Front* e a *Gay Activists Alliance*. Até hoje o dia é a data oficial em que se é comemorado o Dia do Orgulho LGBT.

Aqui no Brasil, essa luta começa em sua grande maioria um pouco mais tardiamente, no final da década de 70 e começo da década de 80, do século XX, com a ditadura militar chegando ao fim. Por volta dessa época vários grupos começam a se manifestar a favor de seus direitos. Antes, as pessoas não podiam denunciar ou expressar opinião contrária ao governo sem que sofressem de censura até que fossem silenciados.

Um dos destaques do início do movimento foi o *Jornal Lampião de Esquina*, um dos primeiros jornais a tratar abertamente a questão da homossexualidade e sua primeira publicação é considerada por alguns pesquisadores o marco inicial do movimento homossexual brasileiro. Era escrito por um grupo de intelectuais gays, e surge assim como forma de resistência ao regime militar e como uma maneira de dar voz para as minorias. Havendo discussões sobre sexualidade, raça, ecologia e a questão indígena.

A comunidade era vista como uma ameaça pelo governo, como diz Cowan:

Enquanto o regime militar se endurecia nos anos 1960, as polícias estatais continuavam a aderir um esquema no qual sexo entre homens pertencia a um submundo estigmatizado, povoado por “pederastas”, alcoólatras, prostitutas, deficientes mentais e vários desviantes e inconformados. No contexto da Guerra Fria e do anticomunismo esmagador, pertencer a esta comunidade de delinquentes parecia uma ameaça à segurança nacional. Representantes do SNI [Serviço Nacional de Informação] e da Polícia Federal consistentemente incluíram acusações de homossexualidade nos seus informes sobre suspeitos de subversão, com uma informalidade que indicou a presunção de que desvios sexuais, psicológicos ou de gênero não só constituíam uma constelação própria, mas também punham em risco a segurança nacional. (COWAN, 2014, p. 32 *apud* FREITAS; PINTO, 2017, p. 25).

Considerando isso, o jornal tinha como objetivo trazer essa cultura gay para o dia a dia para acabar com a visão que a sociedade da época tinha sobre eles, buscando a resignificação do que é o homossexual, de modo que pudessem se assumir e serem aceitos como cidadãos. Fica ainda mais claro essa intenção se olharmos o Editorial da primeira edição do jornal:

Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um de muitos traços que um caráter pode ter, LAMPIÃO deixa bem claro que vai orientar a sua luta; nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (CONSELHO EDITORIAL, LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, Edição 00, abril/1978, p. 2 *apud* FREITAS; PINTO, 2017 p. 28).

O jornal abriu espaço para o surgimento do grupo SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual, que acabou sendo reconhecido como o primeiro grupo de defesa aos homossexuais. Ele era constituído por intelectuais da época infelizes com a vida reclusa aos quais estavam subordinados. O grupo se manifestou em público pela primeira vez durante um debate na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, depois desse ato outras manifestações a favor dos Direitos Sexuais surgiram. Devido a discordâncias internas no grupo e questões financeiras o grupo acabou se dividindo em mais dois grupos: O Grupo Lésbico-feminista, posteriormente, renomeado para Galf (Grupo de Ação Lésbico-feminista), e o grupo de Ação homossexualista, posteriormente renomeado de Outra Coisa. A Galf também foi responsável pela publicação do boletim Chanacomchana que agiu de forma similar ao Lampião da Esquina só que abrangendo o mundo lésbico.

Ainda na década de 80 temos o surgimento do Grupo Gay da Bahia (GGB) que continua atuante até os dias atuais. Seu presidente é o antropólogo Luiz Mott, que cria o GGB após ser vítima de homofobia por estar de mãos dadas com seu namorado em Salvador. Disso

ele decide fundar o grupo para lutar pela livre expressão da sexualidade. No site oficial do GGB destacam como seus objetivos principais:

1. Defender os interesses da comunidade homossexual da Bahia e do Brasil, denunciando todas as expressões de homofobia (ódio aos homossexuais), lutando contra qualquer forma de preconceito e discriminação contra gays, lésbicas, travestis e transexuais, 2. Divulgar informações corretas sobre a orientação homossexual, desconstruindo o complô do silêncio contra o “amor que não ousava dizer o nome” e construir um discurso científico e correto, lutando contra comportamentos, atitudes e práticas que inviabilizam o exercício da cidadania plena de gays, lésbicas, travestis e transexuais no Brasil. Trabalhar na prevenção do HIV e Aids junto à nossa comunidade e outros grupos vulneráveis à epidemia. 3. Conscientizar o maior número de homossexuais da necessidade urgente de lutar por seus plenos direitos de cidadania, fazendo cumprir a Constituição Federal que garante tratamento igualitário a todos os brasileiros. Por esta razão o GGB é carinhosamente chamado de Sindicato dos Gays ou “Orgulho da Bahia” como diz Caetano Veloso. (GRUPO GAY DA BAHIA – GGB, 2017, online)

E ainda de acordo com o site suas principais atividades são:

Desde sua fundação, em 1980, o GGB acumula em seu curriculum significativas vitórias em prol dos direitos de cidadania dos homossexuais. Publicou pela Editora Mercado Aberto (RS) o livro *Lesbianismo no Brasil* (1987) e diversos artigos sobre a história dos “sodomitas” luso-brasileiros perseguidos pela Inquisição, assim como sobre múltiplos aspectos culturais da epidemia da AIDS em nosso país. Em 1987 publicou o livro *Homofobia: A violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil*. Realizou centenas de conferências, debates e mesas redondas sobre a homossexualidade e a questão da AIDS em colégios, universidades, programas de TV e rádios de norte a sul do país. Liderou a campanha nacional que retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais, sendo autor de sete moções anti-discriminação aprovadas pelas mais importantes associações científicas nacionais. Foi a primeira ONG a iniciar a prevenção da AIDS no Brasil (1982) sendo autor da primeira cartilha em método braile sobre AIDS para deficientes visuais. Desde a sua fundação o GGB já distribuiu mais de 1 milhão de preservativos na Bahia. (GRUPO GAY DA BAHIA – GGB, 2017, online)

Com o começo dos anos 1980 e com o fechamento do jornal *Lampião da Esquina*, houve uma redução nesses grupos. O principal motivo para isso foi à epidemia de AIDS que atingiu boa parte da comunidade, a ponto de ser considerada a “peste gay”. Muitos dos grupos se voltaram para o combate à epidemia. De acordo com Facchini:

Antes do final da primeira metade dos anos 1980, houve uma drástica redução na quantidade de grupos presentes no movimento. Isso pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da AIDS, então chamada de peste gay, e seu poder de desmobilização das propostas de libertação sexual, e ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a AIDS, criando as primeiras repostas da sociedade civil à epidemia. (FACCHINI, 2005, p. 102 *apud* PRATA, 2009, p. 18-19)

E com o fim do jornal, que circulava em rede nacional, muitos grupos ficaram sem sua principal fonte de informação sobre a militância homossexual. No entanto, esse fato não foi o

suficiente para dar fim ao movimento. Os problemas da epidemia de AIDS e a violência sofrida pelos homossexuais fizeram com que os grupos ganhassem mais força.

No ano de 1997, ocorreu a primeira Parada do Orgulho LGBT e contou com a participação de pelo menos duas mil pessoas. Seu principal objetivo é dar visibilidade ao grupo e instigar a criação de políticas públicas para os mesmos. Para isso, ocupam-se espaços públicos gerando uma troca efetiva entre essas categorias sociais, elevando sua autoestima vendo que outros também lutam por isso, e sensibilizando a sociedade para o convívio com as diferenças. A cada ano, é perceptível que esse trabalho de conscientização e de educação para o respeito à diversidade tem feito progresso para o fim do preconceito. As paradas são estratégias de mobilização e de visibilidade que estão ligadas ao contexto social e a organização de classe. O seu fator de representatividade ajuda a ampliar a discussão sobre os problemas vivenciados pelos LGBTs, e sua luta pela legitimidade de direitos de igualdade, liberdade e reconhecimento em âmbitos como família, trabalho, escola ou política.

Após muita luta, o movimento LGBT no Brasil cresceu cada vez mais e conseguiu conquistar alguns de seus objetivos (Santos & Advogados, 2019, online):

- Em 1985 houve a despatologização da homossexualidade quando o Conselho Federal de Medicina do Brasil retirou a homossexualidade de sua lista de doenças.
- Ainda na década de 1980 começaram debates para a substituição do termo opção sexual para orientação sexual, tendo em vista que a homossexualidade não é uma escolha e sim uma condição biológica.
- Em 1997 foi organizada a primeira parada do orgulho LGBT do país na Avenida Paulista, em São Paulo. Hoje em dia a parada gay de São Paulo é considerada a maior do mundo e atrai turistas de muitos países.
- Em 2002 o processo de redesignação sexual passou a ser permitido pelo Conselho Federal de Medicina e, em 2008, passou a ser ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS).
- Em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu união estável entre pessoas do mesmo sexo e, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça autorizou o casamento civil entre homossexuais.

- Em 2018, foi determinado pelo Supremo Tribunal Federal que pessoas transgêneros podem alterar o seu registro civil em cartório, atualizando o nome e o sexo.
- Em 2019, foi aprovada pelo Supremo Tribunal Federal a criminalização da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

No entanto, mesmo com tantas conquistas, o Brasil continua sendo um dos países mais intolerantes e que mais mata LGBTs no mundo. De acordo com o relatório anual de 2019 realizado pelo Grupo Gay da Bahia:

A cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal seguimento. Mais da metade dos LGBT assassinados no mundo ocorrem no Brasil (WAREHAM, 2020 *apud* OLIVERA; MOTT, 2020 p. 13).

Se tratando de números:

Comparativamente aos anos anteriores, observou-se em 2019 surpreendente redução das mortes violentas de LGBT+. O ano recorde foi 2017, com 445 mortes, seguido em 2018 com 420 e agora 329 mortes em 2019, registrando-se, portanto, uma diminuição de 26% face a 2017 e 22% em relação a 2018. (OLIVERA; MOTT, 2020 p. 12)

No relatório ainda é estabelecido uma possível explicação para esses números:

Segundo o prof. Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia, “a explicação mais plausível para tal diminuição se deve ao persistente discurso homofóbico do Presidente da República e sobretudo às mensagens aterrorizantes dos “bolsominions” nas redes sociais no dia a dia, levando o segmento LGBT a se acautelar mais, evitando situações de risco de ser a próxima vítima, exatamente como ocorreu quando da epidemia da Aids e a adoção de sexo seguro por parte dessa mesma população. (SILVA, 2020 *apud* OLIVERA; MOTT, 2020 p. 13).

Durante a Bienal do livro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu um caso recente de tentativa de censura por parte do prefeito da cidade, Marcelo Crivella. Um grupo de fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública, ordenados por Crivella, tentou remover dos estandes do evento livros com temas relacionados à homossexualidade. O prefeito teria visitado a Bienal no dia anterior e se horrorizado com o romance gráfico da Marvel, Vingadores, A Cruzada das Crianças. Na história há um casal homossexual, formado por Wiccano e Hulkling, que se beijam em uma das páginas. Apesar da ordem, a organização do evento se recusou a obedecer e, mais tarde, a justiça proibiu a tomada dos livros.

De acordo com o jornal El País (2019, online): “após a saída dos fiscais, as editoras fizeram uma série de manifestações em repúdio ao que consideram um ato de censura em suas redes sociais”.

Ainda em relato ao El País, o editor Flávio Moura, da Todavia, comenta sobre o caso: "A situação é muito alarmante, por isso muitas editoras estão se manifestando". Ele ainda argumenta que a prefeitura não tem poder para instituir nenhum tipo de veto ou classificação às obras: "O que aconteceu é algo completamente arbitrário, e o mais triste é que não seja um episódio isolado. Este é mais um ataque em um país que vem sofrendo com este tipo de ascensão da censura. São episódios lamentáveis e inadmissíveis que lembram o pior tempo da história do Brasil”.

Como resposta a ação do Crivella, o youtuber Felipe Neto distribuiu gratuitamente mais de dez mil livros com temáticas LGBT durante a Bienal do livro. Os livros estavam embalados em plástico preto com a seguinte mensagem: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

3. A RELAÇÃO DA LITERATURA COM A SOCIEDADE

3. 1. O social como interno

Para falar sobre a relação entre a literatura e a sociedade a princípio devemos analisar os estudos de Antônio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade*, mais especificamente o capítulo “Crítica e sociologia” (2006).

O texto é dividido em três partes. Na primeira, Candido mostra duas visões que se tinham sobre a relação da literatura com seu condicionamento social. A primeira visão se tratava de que o valor e o significado de uma obra dependiam dos aspectos da realidade que ela exprime. A segunda visão ia numa direção completamente oposta, a matéria de uma obra é secundária, e sua importância vem das operações formais postas em jogo, essa característica tornaria qualquer condicionamento social irrelevante para a compreensão da obra. Candido então afirma que na verdade devemos utilizar as duas visões de forma simultânea:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 13)

Essa forma de investigação só é possível quando se trata de uma análise sociológica da literatura, dando o foco para o condicionamento social. No entanto, essa visão tem um problema e para ilustrar isso Candido primeiro cita Lukács: “O elemento histórico-social possui, em si mesmo, significado para a estrutura da obra, e em que medida? Ou seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético (...) mas não determinante dele?” (Lukács, 1961, p. 262 *apud* Candido, 2006, p. 14).

Levando em consideração a citação de Lukács, é importante então determinar quais fatores atuam na organização interna da obra, o que constitui sua estrutura. Determinar se o fator social fornece apenas o conteúdo para a realização do valor estético ou se atua diretamente na constituição essencial da obra.

Para exemplificar essa forma de análise Candido (2006) usa o romance *Senhora*, de José de Alencar. O livro possui certas dimensões sociais evidentes como referências a lugares, modas, usos, manifestações de atitudes de grupo ou de classe, expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal. Além disso, o próprio assunto se encontra sobre condições sociais que precisam ser compreendidas e indicadas para que se possa encontrar seu significado. A trama acaba se tratando da compra de um marido. Essa compra tem um sentido social simbólico, pois ao mesmo tempo representa e desmascara os costumes vigentes da época, como o casamento por dinheiro. Com a situação do homem que vende a si mesmo em casamento, Alencar expõem as raízes da relação, fazendo uma análise socialmente radical, reduzindo o ato ao aspecto essencial de compra e venda. Se nos atentarmos para a composição de *Senhora*, percebemos uma complicada transação na qual a posição do casal se altera. O protagonista fica obcecado com a posição que se colocou, se reduzindo a objeto de posse da heroína. Considerando isso Candido afirma:

Referindo esta verificação às anteriores, feitas em nível mais simples, constatamos que se o livro é ordenado em torno desse longo duelo, é porque o duelo representa a transposição, no plano da estrutura do livro, do mecanismo da compra e venda. E, neste caso de relações que deveriam pautar-se por uma exigência moral mais alta, a compra e venda funciona como verdadeira conspiração. Esta não é afirmada abstratamente pelo romancista, nem apenas ilustrada com exemplos, mas sugerida na própria composição do todo e das partes, na maneira por que organiza a matéria, a fim de lhe dar uma certa expressividade. (CANDIDO, 2006, p. 16).

Com esse tipo de análise o elemento social foi levado em conta como parte importante da própria estruturação da obra, e não apenas como um modo de situar a obra no tempo e espaço, ou de caracterizar a sociedade da época.

Na segunda parte do texto, Candido enumera os tipos de modalidade mais comuns de estudos sociológicos na literatura. Ele divide em seis tipos diferentes (CANDIDO, 2006, p 18-21).

O primeiro tipo é formado por trabalhos que tentam relacionar o conjunto de uma literatura, um período ou um gênero com as condições sociais. É o método considerado tradicional, é capaz de estabelecer uma ordem geral que facilita o entendimento das sequencias históricas e um panorama das épocas. No entanto, ele possui um defeito:

O seu defeito está na dificuldade de mostrar efetivamente, nesta escala, a ligação entre as condições sociais e as obras. Daí quase sempre, como resultado decepcionante, uma composição paralela, em que o estudioso enumera os fatores, analisa as condições políticas, econômicas, e em seguida fala das obras segundo as suas intuições ou os seus preconceitos herdados, incapaz de vincular as duas ordens de realidade. (CANDIDO, 2006, p. 19).

O segundo tipo é formado por estudos que tentam definir em que medida as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo seus aspectos. É considerada a modalidade mais simples e comum, e se trata apenas de estabelecer relações entre aspectos reais com os que acontecem na obra.

O terceiro tipo, Candido considera apenas sociologia, consiste no estudo da relação da obra com o público, seu destino, a forma como é recebida e a ação recíproca de ambos, pode explorar a função da literatura junto aos leitores.

O quarto tipo ainda se mantém quase exclusivamente dentro da sociologia. Ele estuda a posição e a função social do escritor. Tenta-se relacionar a posição do autor com a natureza de sua produção e com a própria sociedade.

O quinto tipo é um derivado do anterior. Esse, no entanto, foca na investigação da função política das obras e dos autores, normalmente com um caráter ideológico bem definido.

E por fim, o sexto tipo é voltado para obras que buscam uma hipótese para as origens, seja da literatura, de determinados gêneros, das raízes da poesia e assim por diante.

Candido conclui que cada uma dessas modalidades é legítima e viável:

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade. (CANDIDO, 2006, p. 21)

Ainda nos resta determinar o quanto as características essenciais de cada obra são influenciadas diretamente pelos fatores sociais. Por isso é preciso ter cautela na hora da análise, pois esse tipo de informação pode variar muito de autor para autor. De acordo com Candido (2006, p. 22):

Estas questões, fáceis de abordar no plano especulativo, se tornam de resposta difícil quando passamos a cada autor, mas ajudam a firmar a noção básica neste terreno, isto é: não se trata de afirmar ou negar uma dimensão evidente do fato literário; e sim, de averiguar, do ângulo específico da crítica, se ela é decisiva ou apenas aproveitável para entender as obras particulares.

Para isso é importante ter consciência da posição que o autor se encontra na formação da obra. Ele pode alterar seus elementos para que encaixem de forma mais expressiva, fugindo da realidade. Como exemplo Candido menciona que Aluísio Azevedo consultou um médico sobre o envenenamento por estricnina, no entanto Aluísio ignorou as indicações do médico. Na sua história o veneno agiu de forma muito mais rápida e dramática do que seria na realidade, pois era necessário que fosse assim para sua obra. Contudo, isso é apenas um cuidado que se deve tomar durante a análise, sem desmerecer sua importância. Com o devido cuidado, é incontestável a importância de se considerar os fatores sociais para a análise literária.

Na última parte do texto, Candido nos mostra outras obras como exemplo do fator social agindo na estrutura e seu efeito nos leitores. E conclui reafirmando o que já disse ao longo do texto:

Hoje sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada a priori. (CANDIDO, 2006, p. 25).

A obra de Candido é muito importante e influente nesse campo, na próxima parte vamos analisar um trabalho que traz uma segunda visão sobre a crítica literária e utiliza os conceitos de Candido como um ponto de partida para outra interpretação.

3. 2. Identidades sociais

Considerando “Crítica e Sociologia” de Candido, iremos olhar agora o artigo “Literatura e sociedade: da teoria do reflexo à construção discursiva de identidades sociais”, de Luciana Marinho Fernandes da Silva (2005). Nesse trabalho, Silva (2005) tem como objetivo comparar duas tendências sobre a relação da sociedade com a literatura: a primeira diz que a obra tem seu valor artístico reconhecido de acordo com o que ela configura da sociedade, em outras palavras, a realidade é exterior à obra e a obra a espelha; a segunda tendência diz que a obra faz parte do social, constitui e é constituída por esse, a mesma tendência defendida por Candido.

De acordo com Silva (2005):

No primeiro caso, encontramos notadamente os estudos fomentados a partir da concepção marxista clássica de ideologia, na qual esta se constitui como uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta. Assim, a relação literatura e sociedade toma corpo a partir da teoria do reflexo, fundamentada na relação de causalidade da estrutura social. (SILVA, 2005 p. 141)

Dentro dessa perspectiva, Silva (2005) destaca as visões de Lukács e de Adorno. Ambas tratam da crise da materialidade literária e consideram o romance como o gênero que é culpado pelo processo de alienação social. Considerando as mudanças sofridas na estrutura da sociedade, com o desencadeamento da fragmentação do trabalho e o processo de coisificação do homem nos séculos XIX e XX, a literatura foi afetada tendo em vista que não era mais capaz de refletir aquela sociedade.

Silva então cita a visão de Lukács em consideração ao distanciamento entre o escritor e a realidade no processo de estilização que gera a obra: “quer esta distância seja orientada para o futuro ou para o passado, quer marque uma ascensão ou uma descida em relação à vida, não cria nunca uma realidade nova, mas sempre um simples reflexo subjetivo daquilo que já está lá.” (LUKÁCS, 2000, p. 52 *apud* SILVA, 2005, p. 141).

Adorno segue na mesma linha de pensamento que Lukács, a obra espelha a ideologia vigente e atribui à arte um caráter subversivo. A arte de verdade é uma contradição da sociedade, e não um simples espelhamento. O reflexo se dá com o que fica oculto. Nas palavras de Adorno: “se o romance quer dizer como realmente são as coisas, então ele tem de renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, só serve para ajudá-la na sua tarefa de enganar”. (ADORNO, 1983, p. 270 *apud* SILVA, 2005, p. 142).

Se essa primeira tendência busca o social presente na obra, a segunda tendência tenta descobrir de que forma o literário constrói o social. Silva (2005) então apresenta um ponto estabelecido por Candido, temos dois campos de abordagem diferentes: o da sociologia da literatura, que verifica a relação entre a obra e o social, negligenciando a parte estética; e a crítica literária que seria o que já abordamos anteriormente, o social como parte intrínseca da obra.

Dentro dessa segunda tendência, Silva (2005) traz para o texto as colocações de Bakhtin que tentam superar a tendência anterior na qual se atribui à linguagem o papel de apreender “o real”. Para Bakhtin a língua não é um instrumento usado para apreender como

realmente são as coisas e sim um pedaço material que constitui a realidade, se torna interno. E é dentro dessa concepção que a consciência se forma: “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1999, p. 34 *apud* SILVA, 2005, p. 142).

Contrariando Adorno e Lukács, Bakhtin acredita que o romance é considerado o gênero que melhor representa a diversidade social. As múltiplas vozes sociais estão diretamente na organização do romance por meio dos vários discursos presentes no gênero, as falas do narrador, do autor, dos personagens e dos padrões de texto que o constitui. Cada palavra vem carregada com seu próprio contexto social, seu próprio sentido dentro dele (SILVA, 2005). Os signos refletem e refratam a realidade, além de carregar seus próprios significados, eles se integram ao novo contexto enunciativo:

Julgamentos de valor, antes de tudo, determinam a seleção de palavras do autor e a recepção desta seleção pelo ouvinte. O poeta, afinal, seleciona palavras não do dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor. Assim, ele seleciona os julgamentos de valor associados com as palavras e faz isso, além do mais, do ponto de vista dos próprios portadores desses julgamentos de valor (BAKHTIN, 1976, p.9-10 *apud* SILVA, 2005, p. 143).

Podemos concluir que com isso Bakhtin organizou uma teoria que não separa a língua do social. Não existe um real escondido para ser encontrado dentro da literatura, mas sim uma diversidade social com vários contextos e posições ideológicas dos autores, são partes de determinadas vidas sociais.

Silva então coloca em discussão a forma de análise crítica do discurso de Fairclough, levando em consideração os estudos de Bakhtin, para verificar como a linguagem pode contribuir para a mudança da sociedade, tendo em vista que a linguagem é uma parte que constitui a mesma. Segundo Fairclough (2001, p. 92 *apud* SILVA, 2005, p. 143), existem três funções da linguagem: a função identitária, os modos pelos quais as identidades sociais se estabelecem no discurso; a função relacional, como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas; e a função ideacional, os modos pelos quais os textos significam o mundo. Nessa perspectiva, identidade social é como uma construção discursiva não homogênea em que é preciso verificar no texto as formas como as relações são exercidas e as identidades sociais se manifestam no discurso, e também como ambas são construídas dentro do discurso.

Levando em consideração essa noção de identidade, Silva (2005, p. 143) aborda a construção de identidades sociais. Para isso trata especificamente da identidade masculina homoerótica, dentro da criação literária. Nessa perspectiva, o discurso reflete como as identidades sociais estão mantidas, e também estruturam essas identidades na medida em que as reafirmam ou as deslocam de um sentido comum. Dessa forma, a noção de gênero também é historicamente marcada. Essa concepção atrela às características anatômicas como determinantes dos papéis sexuais nas formações discursivas e simbólicas.

Silva decide usar o conto “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu (1995), para a explicação, pois o autor,

apresenta de maneira recorrente a fala do homossexual, propondo um descentramento da fala masculina e heterossexual, dominante na história social, e conseqüentemente literária, do ocidente. Dá-nos margem para refletir a constituição da identidade masculina como ambígua e em processo, a partir de uma releitura da homossexualidade que a desloca da associação com os discursos que a reconheceram e a fixaram como patologia, discurso médico; como pecado, discurso religioso; e como crime, discurso jurídico. Assim, uma análise da relação dialética entre texto e contexto nos conduziria a responder a questão: que elementos textuais e que aparato simbólico concorrem para a representação da identidade masculina [...]? (SILVA, 2005, p. 143).

O conto mostra a história de um encontro amoroso entre dois homens que se conhecem no carnaval. Temos um narrador em primeira pessoa e não temos quase nenhum diálogo, apenas o ponto de vista do protagonista. A sociedade contemporânea é usada como ponto de referência, principalmente seu aspecto repressor, maldoso e preconceituoso com relação a atitudes afetivas entre pessoas do mesmo sexo. A história e seus elementos são desenvolvidos conforme o narrador vai experienciando esses momentos. Temos três elementos na história, os dois homens e os outros. Esses “outros” só se materializam no texto como personagens após o contato dos dois homens.

Silva (2005) então menciona o fragmento “E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também...”, para apontar o fato de que neste conto temos uma representação de uma identidade masculina ambígua, ela rompe com as representações que são pautadas na polarização dos gêneros feminino e masculino. Essa polarização associa masculinidade à heterossexualidade. Silva também aponta a expressão “bicha” que marca essa ideia:

“E não parecia bicha nem nada” aponta para a construção discursiva dessa ambigüidade, uma vez que a “bicha” seria uma categoria facilmente identificável – juntamente com o travesti, por exemplo – pelo olhar do senso comum como o

elemento disforme, que está fora dos contornos do que se entende por masculino e feminino. Não parecer com uma “bicha” traz mais questionamentos sobre a identidade masculina por colocar em xeque essa frágil associação entre masculinidade e heterossexualidade. Em que espaço das nossas leituras da sexualidade se encontraria esse ser que não traz nenhum sinal em seu corpo, seja através de “trejeitos”, seja através da indumentária, que marque a sua pertença a categorias marginalizadas, entretanto, não se enquadra nas aceitáveis? (SILVA, 2005, p. 144).

A repetição da expressão “por acaso” ainda remete a uma ideia de que o encontro dos dois aconteceu fora de qualquer motivação esperada do senso comum, em um sentido de promiscuidade ou perversão. Isso ocorreu de forma natural. Também se passa a ideia de que podiam ser outros corpos na cena, não necessariamente de dois homens, remetendo ao fato de que a visão esperada pelo senso comum não passa de uma construção cultural. Uma construção também discursiva e simbólica.

Agora se tratando da tensão da narrativa, ela se estabelece e se acentua a partir do momento em que os homens passam da distância que é aceita socialmente:

Assim, “os outros”, até então imperceptíveis, se manifestam como um coro monocórdio. São quatro as falas desses “outros”: repetem três vezes as expressões “ai-ai” e “olha as loucas”; e pronunciam uma vez “veados”. A partir do momento em que essas falas são retomadas, o ritmo narrativo é tensionado até o clímax da história, que é o seu desfecho, em que os dois personagens principais são violentamente agredidos por esses “outros”. A tensão narrativa vai marcar a passagem de um “mundo” para outro, ou seja, do mundo do encantamento, da surpresa, do lúdico, dos jogos da sensualidade, para o mundo da violência, da intolerância e da cegueira quanto à alteridade. (SILVA, 2005, p. 145).

Agora se tratando dos “outros”, podemos notar em suas falas elementos que reforçam a visão de que a masculinidade remete a rejeição da feminilidade e da homossexualidade. A expressão “as loucas” retoma a associações entre homossexualidade e anormalidade, o homossexual não é considerado uma pessoa sã. Silva então cita um texto de Jurandir Freire Costa que aponta que o homossexual no século XIX era considerado um homem invertido e, juntamente com a mulher histérica, eram considerados uma ameaça à família burguesa:

Ele [o homossexual] e a histérica eram uma ameaça à família, à raça e à sociedade. A mulher histérica, nervosa, clorótica ou vaporosa, com seus ataques, sua apatia, sua incompetência para cuidar da casa, dos filhos, maridos e famílias, será posta ao lado das cortesãs, prostitutas, trêfates e safistas, como a anti-norma da mulher-mãe, esposa e irmã. O homossexual será alinhado aos velhos libidinosos, celibatários, sifilíticos e libertinos, como a anti-norma paroxística da figura do homem-pai. Desde então, a feminilidade do homossexual vai ser afirmada, a despeito de qualquer contra-exemplo empírico ou de qualquer incongruência conceitual. Ele tinha que ser “feminino”, pois, não sendo feminino, não tinha como ser “invertido” (COSTA, 1995, p.129 *apud* SILVA, 2005, p. 145).

Com isso, vemos que o homossexual foi difamado discursivamente como pervertido, não natural, uma “louca”. Não era reconhecido como homem, e sim como um desvirtuamento do gênero.

Na escrita de Abreu vemos o outro lado do discurso, tendo em vista que ele era homossexual, vemos um novo ponto de vista, temos uma nova perspectiva sobre o que é ser masculino. Também vemos a ação direta do meio social em ação, quando no ápice do encontro dos homens, eles são interrompidos pelos “outros”. Como coloca Silva:

É perceptível, assim, o entrecruzamento de vozes e das respectivas posições sócio-ideológica de seus interlocutores. O leitor acompanha desde o início do conto até o seu penúltimo parágrafo o encontro entre os dois personagens e o sentimento vivenciado por eles, que é externado e tensionado através das escolhas lexicais e estruturais do narrador. Então, o que foi construído parágrafo por parágrafo do conto é destruído rapidamente no último parágrafo pela força do poder de uma sociedade homofóbica. (SILVA, 2005, p. 145).

O desmascaramento dos padrões de gênero está presente na própria trama de seus contos. Silva (2005, p. 145) conclui que:

Dessa forma, comparar tendências de abordagens do texto literário na sua relação com os aspectos sócio-históricos é, em uma certa medida, comparar tendências de abordar o mundo, em que a nossa visão acerca da humanidade é que nos situa em algum parâmetro, de forma que assumiremos sempre uma posição de consentimento, questionamento ou recusa ao “como” os elementos simbólicos, éticos, ideológicos estão sendo utilizados por grupos como estratégias para excluir, marginalizar pessoas ou comunidades.

A autora traz uma maneira de se analisar como o social se manifesta na literatura. No caso de Abreu, é perceptível a interpretação da função dos gêneros pautada pelo senso comum. Também percebemos o ponto de vista de Abreu sendo um homossexual. No próximo capítulo iremos observar o ponto de vista de Vitor Martins, também homossexual, sobre a influência que uma família religiosa e um ambiente opressivo causam em um membro da comunidade LGBT. Comentando também sobre um método de lidar com a situação, dentro da visão do autor. E ainda um paralelo sobre como de que forma os LGBTs tem sido retratados na literatura.

Para a análise vamos usar dois dos tipos de modalidades de Candido, o segundo tipo descrevendo seus aspectos para mostrar o quanto a obra pode refletir a sociedade e o quarto tipo para ver como a posição do autor se reflete na obra. A análise de Silva contribuiu para mostrar um possível caráter transgressor onde se questiona os sistemas vigentes em nossa sociedade, no caso de Abreu temos o questionamento acerca das questões de gênero, o que não ganha muito destaque na obra de Martins além da visão retrógrada de seus pais, que por

outro lado, mostra um questionamento acerca do que constitui nosso sistema familiar e qual sua importância. Silva também contribui para mostrar a relevância das obras feitas por homossexuais para homossexuais, pois abre espaço para uma representação mais realista e verdadeira.

4. UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES: ANÁLISE DOS FATORES SOCIAIS PRESENTES NA OBRA

Levando em consideração tudo que foi abordado até agora, neste último capítulo vamos mostrar de que forma se encontra os fatores sociais na obra. Inicialmente, devemos apresentar um breve resumo do enredo.

O livro “Um milhão de finais felizes” (MARTINS, 2018) é narrado em primeira pessoa e mostra a história de Jonas e seu encontro com Arthur. Jonas é um jovem adulto que vive com sua mãe extremamente religiosa e seu pai abusivo. Jonas se encontra preso em um grande problema, além de trabalhar em um café no centro de São Paulo com um salário não muito satisfatório, ele possui um segredo. Ele vive uma vida dupla, usando uma máscara que esconde sua identidade, a realidade é que ele é homossexual. Jonas vive um inferno dentro de sua própria casa, sempre assustado e inseguro por ser incapaz de atender as expectativas impossíveis de seus pais só por conta de quem ele é. Ele se encontra em constante estado de alerta. Ele gosta muito de sua mãe, mas fica apreensivo, pois sabe que em algum momento terá de dizer a verdade e magoá-la profundamente. A única coisa que sente por seu pai é desgosto, tudo que ele faz é trazer sofrimento para a vida de Jonas e sua mãe.

Jonas encontra refúgio com seu grupo de amigos, Danilo e Isadora, que o ajudaram muito durante sua adolescência mostrando que ele não estava sozinho; e Karina, colega de trabalho que sempre está disponível para ajudá-lo.

No decorrer da trama Jonas encontra Arthur, que será responsável por muitas mudanças em sua vida. Arthur é um garoto rico que mora com os pais em um bairro luxuoso de São Paulo. Os dois se apaixonam e vivem uma linda relação. Ele ajuda Jonas em seu processo de aceitação.

No clímax do romance, os pais de Jonas descobrem o seu segredo e apesar de sua mãe sempre o ter protegido de seu pai, ela está tão abalada que não tem forças para protegê-lo dessa vez. O pai bate em Jonas e o expulsa de casa. Jonas lida com isso de maneira civilizada, arruma sua mala às pressas e se refugia na casa de Karina. Jonas fica muito abalado emocionalmente com a perda da sua base familiar, mas com o tempo ele percebe que ele foi

capaz de encontrar uma nova família que o aceita do jeito que é e que quer o seu bem. No final da história sua mãe o reencontra e pede desculpas, admite que errou e está procurando forças para lidar com seus próprios sentimentos e suas crenças, pois ela ama seu filho.

Levando em consideração a quarta modalidade de Candido sobre a função do autor, assim como Caio Fernando Abreu fez em *Terça-feira gorda* (1995), Vitor Martins pode nos trazer sua visão interna sobre a homossexualidade. Embora sua obra não seja tão profunda quanto a de Abreu, a obra de Martins também tem seu papel na sociedade. É uma leitura mais leve e mais acessível, que pode permitir que o leitor tenha uma nova perspectiva da realidade. Dentro da visão de Bakhtin, trazida por Silva (2005) no capítulo anterior, podemos levar em consideração o modo de ver o mundo de Martins durante a análise para observarmos o social na obra.

Continuando com a segunda modalidade de Candido, iremos apresentar os elementos sociais da obra que podem refletir a sociedade. O conflito central da trama gira em torno da relação de Jonas com sua família. Sua mãe se converteu para a igreja evangélica quando o teve, ela acredita que foi um milagre de Deus: “É muito difícil alinhar as expectativas das pessoas quando todo mundo acredita que você é um milagre.” (MARTINS, 2018, p. 29). Seu nome Jonas foi escolhido por causa do personagem bíblico. Com isso, Jonas também sente uma grande pressão para atender as expectativas de sua mãe, que acredita que ele está destinado a grandes coisas, mas ele só pensa no quanto ela vai se decepcionar quando descobrir que ele é homossexual:

Eu respondo apenas com um sorriso e saio da cozinha. Mais uma vez, me sinto impotente diante das expectativas que minha mãe tem para a minha vida. Mais uma vez, sinto que o momento em que ela vai se decepcionar comigo de verdade está próximo. (MARTINS, 2018, p. 28).

Jonas não consegue se sentir confortável em lugar nenhum, principalmente em casa: “Encararia fácil mais um turno no Rocket [café] só para não ter que ir para casa. Já faz tempo que não sei o que é aquela sensação boa de *lar doce lar*. Quando estou em casa, passo a maior parte do tempo pensando em pretextos para sair de lá.” (MARTINS, 2018, p. 24 – grifos no original).

Ele se encontra em um constante conflito interno. Ele não sabe o que pensar e sentir sobre Deus e religião e se sente culpado apenas por existir:

Hoje eu vivo a minha vida em total desobediência. Eu sinto que mesmo que eu fique parado, apenas existindo, estou desobedecendo às leis de Deus. E por mais que eu não tenha certeza se acredito ou não nessas leis, eu tenho medo do dia em que a tempestade chegar. Porque ela vai chegar, é só questão de tempo. (MARTINS, 2018, p. 28).

Com relação a seu pai, Jonas nunca se sentiu completamente seguro: “Crescer ao lado do meu pai, com seu humor sempre instável, fez com que eu estivesse sempre em estado de alerta esperando alguma coisa ruim acontecer.” (MARTINS, 2018, p. 29), antigamente sua mãe conseguia lhe trazer alguma segurança, no entanto, não mais: “Houve um tempo em que estar ao lado da minha mãe era o bastante para me sentir seguro. Não me sinto mais assim desde que me dei conta de que, mais cedo ou mais tarde, vou ter que decepcioná-la.” (MARTINS, 2018, p. 29).

Mesmo sem saber se realmente ainda acredita em Deus, Jonas sofre consequências da época em que frequentava a igreja com sua mãe. Essa experiência deixou marcas:

Houve uma curta fase na minha vida em que tentei mudar. Eu tentei não ser gay, não olhar para os meninos bonitinhos da escola e pensar que beijá-los não seria má ideia. O esforço de tentar mudar a minha cabeça era tão exaustivo que, num determinado ponto da adolescência, eu apenas aceitei que era assim. Não foi o tipo de aceitação que deixa a gente aliviado. Aceitar que eu sou gay significou aceitar que eu vou para o inferno e viver constantemente com medo da morte. Esse tipo de pensamento não me assombra mais com tanta frequência como antes, mas ainda existem noites em que, antes de dormir, eu olho para o teto e penso que, em algum lugar, existe um Deus que está extremamente desapontado comigo. (MARTINS, 2018, p. 29).

O que ajuda Jonas a sobreviver nesse ambiente são os momentos de liberdade que tem com os seus amigos, que aceitam e gostam do Jonas de verdade. Os momentos que passa com eles são especiais e responsáveis pelo bem estar de Jonas. No entanto, viver dessa forma inconsistente é extremamente esgotante:

O contraste de como me sinto dentro e fora de casa fica cada vez mais evidente. É cansativo viver nessa montanha-russa que sobe e desce o tempo inteiro. Eu não aguento mais. Quero andar em linha reta, na montanha-russa mais sem graça de todos os tempos. Ou melhor, quero descer desse brinquedo. Quero sair daqui. Eu não sei como sair daqui. Eu quero me sentir bem. (MARTINS, 2018, p. 133).

Em um episódio em que Jonas cede e decide deixar sua mãe feliz, ele vai com ela para o culto de Domingo. Lá ele vê como sua mãe é querida por todos os frequentadores da igreja, ela se sente como parte da comunidade. Jonas sente falta dessa sensação de pertencer a algum lugar: “É interessante a maneira como ela diz ‘estamos arrecadando’, sendo que ela não está nem fazendo nem vendendo cachorro-quente. Mas ainda assim, ela se sente parte disso tudo.

Esse pensamento me dá saudades. Não da igreja, mas de *fazer parte*.” (MARTINS, 2018, p. 80 – grifos no original)

Ele se sente mal, pois acredita que sua mãe não o conhece de verdade. Ele para e reflete que também não a conhece de verdade, ele conhece apenas a versão dela que existe dentro da igreja e de sua casa. Ele decide tentar se aproximar de sua mãe. Jonas decide perguntar a sua mãe sobre sua receita de empadão que é adorada por todos os membros da igreja, na intenção de encontrar alguma história idealizada de como é uma receita que foi passada na família a gerações em busca daquele vínculo de pertencimento que sente falta, no entanto não consegue, pois a receita não é nada especial e simplesmente sua mãe a aprendeu em um programa de culinária.

Voltando para a relação de Jonas com o pai, ela sempre foi muito nociva. O pai de Jonas tem a mesma noção de identidade masculina estabelecida por Silva (2005) na análise do conto de Abreu (1995). E isso fica claro em suas falas, o uso da expressão “virar homem” quando Jonas arranja o emprego no Rocket café e a primeira coisa que faz é passar as responsabilidades da casa para ele: “Toma – falou, colocando os papéis na minha frente. – Luz, internet, tv e telefone agora são sua responsabilidade. Tá na hora de começar a virar homem.” (MARTINS, 2018, p. 25) ou a fala de que ele queria um filho “normal” enquanto ele dava uma bronca em Jonas por ter chegado tarde em casa: “Eu não sei mais o que fazer com você, Jonas. Eu não sei. Eu só queria um filho normal, pra assistir futebol comigo, para aprender a dirigir, pra arrumar um emprego decente e não viver uma vida de merda.” (MARTINS, 2018, p. 173).

A vida de Jonas toma um rumo inesperado ao conhecer Arthur. A vida de Arthur tomou um rumo muito diferente da de Jonas. Arthur sempre teve condições de ter tudo o que queria, pois seus pais tem muito dinheiro, isso afeta Jonas logo no primeiro encontro:

Eu respiro fundo porque em uma frase já entendi que Barba [Arthur] é uma pessoa de faculdade e uma pessoa de agência. E geralmente eu sou só a pessoa que serve o café. Por mais que eu tenha um discurso de que não preciso de uma faculdade agora e que terei tempo o suficiente para decidir o que quero fazer da minha vida, esse é só mais um momento em que me sinto deixado para trás. (MARTINS, 2018, p. 97).

Jonas confirma suas suspeitas quando visita à casa de Arthur pela primeira vez:

Nesses três meses em que estamos saindo, eu sempre tive as minhas suspeitas de que a família de Arthur é meio rica. Não milionária, mas, bem, eles têm dinheiro. Arthur tem carro, estuda em uma faculdade particular cara, tem uma irmã morando em Londres e os pais dele têm profissões específicas demais para ganharem pouco. Mas

nunca passou pela minha cabeça que ele morasse em um apartamento tão imenso. O prédio é luxuoso e fica em uma das alamedas de Jardins. O elevador abre direto no hall de entrada do apartamento dele e, para ser sincero, eu sempre achei que isso só existia em novela. A porta é dessas grandes, que você empurra com as duas mãos, e a casa é toda bem decorada, com moveis planejados em todos os lugares. As coisas são tão organizadas que não dá para acreditar que existem pessoas que moram aqui. (MARTINS, 2018, p. 216).

Os pais de Arthur também aceitaram a bissexualidade de Arthur com muito mais compreensão do que os pais de Jonas:

Meus pais? Eles foram tranquilos. Eu contei quando eu tinha dezessete anos e eles acharam que eu estava confuso, mas no ano seguinte eu contei mais uma vez e aí eles viram que não era coisa da minha cabeça. Minha mãe ficou muito preocupada chorou bastante. Meu pai só deu uns tapinhas nas minhas costas e mandou eu ser uma pessoa honesta com meus amores, independente de serem homens ou mulheres. (MARTINS, 2018, p. 166).

Existe um enorme contraste na vida dos dois, Jonas teve de passar por mais momentos horríveis do que Arthur, não tinha condições de pagar uma faculdade e a reação dos pais foi muito pior. Isso mostra um grande choque de realidade entre os membros da comunidade LGBT com melhores condições financeiras. Entre Jonas e Arthur houve uma grande diferença de experiências e isso sendo que Jonas, embora não consiga pagar sua própria faculdade, ainda se encontra numa classe econômica estável e com acesso a certos luxos. Na realidade isso afeta de forma bem mais séria os LGBTs nas classes com menos condições.

Graças a Arthur, Jonas reflete sobre sua forma de ver o mundo, e sobre si mesmo:

Eu fui gay só dentro da minha cabeça durante a minha vida inteira, e sinto que isso fica cada vez mais óbvio para o resto do mundo. Estar com Arthur me tira do meu esconderijo e isso me dá medo. No fim das contas, acho que só aprendi a ter medo de Deus. A religião me afastou muito mais do que me aproximou Dele. (MARTINS, 2018, P. 197).

Jonas também vê o que ele quer para sua vida: “Percebo que esse é o meu ideal de felicidade. Estar junto sem medo de que alguma coisa ruim vá acontecer a qualquer momento” (MARTINS, 2018, p. 222).

Devido a suas crenças Jonas sempre teve medo de fazer sexo, sempre acreditava que estava cometendo um crime, ou pecado, no entanto, com Arthur ele consegue superar essa barreira:

Aguardo o momento em que o alarme na minha cabeça vai tocar, me avisando que estou prestes a cometer um grande erro. Ele não toca. Arthur passa a mão por todo meu corpo enquanto continua me beijando e o alarme não toca. Quando ele beija

meu pescoço, eu não estou mais nem aí para o alarme. Porque eu quero estar aqui. Eu quero tudo que está acontecendo. (MARTINS, 2018, p. 247).

Jonas só quer ser feliz sem se sentir culpado por tudo, quando as coisas começam a dar certo em sua vida ele fica somente esperando algo ruim acontecer como se tudo estivesse errado. Durante um episódio em Jonas teve que trabalhar durante a Parada Gay, e tendo em vista que seu trabalho é no meio da Avenida Paulista, ele abraça essa oportunidade para participar:

Corro para os fundos da loja, tiro meu avental, pego a fita de arco-íris e amarro no pulso. De imediato eu penso que a pulseira vai mostrar para as pessoas quem eu realmente sou. Um cara gay e feliz. Mas, no fundo, eu sei que vou sumir no meio de milhares de pessoas. Ninguém vai reparar em alguém baixinho como eu. Ninguém vai olhar para a minha pulseira colorida. No fundo eu sei que quero mostrar isso para mim mesmo. Eu preciso entender que é possível ser gay e também ser feliz. (MARTINS, 2018, p. 259).

Nunca tendo participado da Parada Gay antes, Jonas fica surpreso e aprende muita coisa sobre a comunidade, vivenciando o significado de diversidade:

Uma hora andando na Parada e eu já aprendi mais sobre diversidade do que durante minha vida inteira. Mais do que um carnaval LGBT, tem muita política envolvida aqui. Pessoas de todos os tipos levantam cartazes pedindo visibilidade. Um grupo de jovens entrega panfletos com estatísticas de mortalidade de transexuais no Brasil, com endereços para se informar e ajudar. Guardo tudo no bolso para pesquisar mais tarde. Grupos de conscientização sobre HIV distribuem preservativos e mais informações que eu não conhecia. Quanto mais nós andamos, mais coisas novas eu descobri. Assexuais, pansexuais, não-binários. Tudo o que eu vejo faz a palavra “diversidade” ganhar muito mais sentido na minha cabeça. (MARTINS, 2018, p. 260).

Após esse momento de celebração da diversidade, a tempestade finalmente chega. Os pais de Jonas o veem beijar Arthur e o pai fica descontrolado, e a mãe em prantos. Seu pai não para com as ofensas, até dizendo que preferia um filho drogado a um gay. Jonas esperava alguma reação de sua mãe, mas ela não tem forças para isso. Até que seu pai desfere um golpe:

E ao som da última ofensa, sua mão desce com força no meu rosto. Não é um tapa barulhento. É silencioso e forte, com a intenção de causar dor. Com o impacto, os óculos saem do meu rosto e caem no canto da sala. Sinto o rosto queimando no lugar onde sua mão me acertou. Tenho vontade de revidar, mas sei que bater no meu próprio pai não ajudaria em nada nessa situação. (MARTINS, 2018, p. 267).

Após o golpe, o pai de Jonas o expulsa de casa e dá um momento para pegar suas coisas, Jonas não sabe nem como reagir, mas para ele já basta:

Eu me sinto esgotado, desamparado e sozinho. É como se num piscar de olhos eu não tivesse mais nada. Nunca gostei da minha vida como ela é. Sempre inventei muitas histórias porque a minha realidade não era o bastante para mim. Eu nunca tive vontade de morrer, mas perdi as contas de quantas vezes desejei apenas parar de existir por um tempo. E todos esses anos segurando as aparências, me escondendo de mim mesmo, tentando viver duas vidas completamente diferentes e sustentando minhas mentiras me deixaram cansado. Estou no meu limite e não tenho forças para revidar. (MARTINS, 2018, p. 267).

Jonas pega suas coisas e liga para Karina. Nos meses seguintes Jonas começou a reconstruir sua vida, agora morando com Karina. E ele percebe depois de muito esforço que está bem melhor agora. Durante uma festa de aniversário na casa de Danilo, Jonas tem uma conversa com a mãe dele. Os pais dela também nunca aceitaram sua escolha de adotar ao invés de ter filhos biológicos, mas ela não deixou isso a abalar e aproveita para ensinar uma lição a Jonas:

Eu não queria estragar seu dia com uma história triste, mas queria que você entendesse que nem sempre a família que nasce com a gente vai nos entender. Nem sempre eles vão ficar do nosso lado para sempre. Mas isso nunca vai te impedir de escolher uma família nova. (MARTINS, 2018, p. 323).

Quando chega o Natal, Jonas recebe uma visita inesperada, é sua mãe que veio se desculpar por tudo:

Estou orando por mim. Pedindo a Deus para me fazer entender o que está acontecendo. Você é meu filho e, se isso tudo aconteceu, existe um propósito. Eu ainda não entendo qual caminho devo seguir, eu ainda me arrependo do que fizemos com você. Mas, ao mesmo tempo, meu coração está muito dividido. E eu peço a Deus todos os dias por uma resposta, porque eu sinto muito a sua falta. E espero que um dia a gente consiga se perdoar. (MARTINS, 2018, p. 346).

O romance termina com a reflexão de Jonas sobre a importância de sua base. Quando perdeu a sua, Jonas estava arrasado sem saber o que fazer, foi uma experiência que iria deixar marcas permanentes na pessoa que Jonas é. Mas nada o impede de construir uma nova base com pessoas que escolheram o acolher.

Martins organiza a obra alternando entre os momentos de felicidade e de tristeza de Jonas. No entanto sempre que Jonas está em um momento feliz, sua mãe está triste e vice versa. Jonas está feliz com seus amigos, sua mãe chora de preocupação esperando por ele; Jonas está na igreja pensando no julgamento de Deus se sentindo péssimo, sua mãe está feliz por estar fazendo parte de uma comunidade e de ver o filho junto ao seu lado. Isso se repete ao longo de toda a trama, até o momento em que Jonas rompe seus laços familiares e cria seu novo grupo familiar. Embora tenha sido triste para ambas as partes a princípio, no final ambos

se encontram numa situação melhor. Isso é claramente uma crítica ao sistema familiar, que pode ser um ambiente hostil para o jovem LGBT. Então a própria estrutura da obra se relaciona com o social, pois Jonas só foi realmente feliz após romper com o sistema familiar.

O preconceito se articula no contexto familiar como um mecanismo que legitima a violência e pode ocasionar a quebra do vínculo e o afastamento entres os jovens LGBTs e sua família. A homofobia, assim como outras formas de discriminação, consiste em considerar o outro como inferior, fora da norma. Ela se configura como um instrumento que reproduz um sistema de diferenças que busca justificar a exclusão e a dominação de uns sobre outros. O próprio Jonas, assim como os membros da comunidade, acaba absorvendo esses valores negativos e, de certa forma, canaliza uma homofobia internalizada, que o impede de ser autêntico. Quando essa barreira ao se assumir é rompida, por pior que tenha sido a reação da família, o sentimento internalizado é amenizado, pois ele se posiciona como alguém que foge da norma. O ambiente familiar que deveria ser um local que proporciona o bem-estar e apoio ao individuo pode se tornar um ambiente hostil que tenta encaixa-lo dentro de uma norma da qual ele não faz parte.

Agora irei apresentar o artigo, Cíntia Moscovich e Carol Bensimon: a personagem homossexual feminina na literatura brasileira contemporânea, de Juliana Gervason Defillipo (2016), que comenta sobre a representação homossexual feminina na literatura brasileira, pois assim podemos ver um novo discurso literário. Apesar de retratar especificamente da personagem feminina, a forma atual de representação se assemelha a forma como Martins retrata suas personagens. Com esse artigo espero abrir uma discussão sobre a representação dos personagens LGBT na obra e no contexto atual.

O objetivo do artigo é mostrar como foi representada a figura homossexual feminina na literatura ao longo do tempo, procurando estabelecer não apenas uma breve análise das obras, mas também uma reflexão a respeito do lugar da personagem homossexual feminina na narrativa atual. Para isso a autora compara as personagens das duas obras *Dois iguais*, de Cintia Moscovich, e *Todos nós adorávamos caubóis*, de Carol Bensimon, com antigas obras.

Inicialmente as personagens homossexuais femininas mal eram retratadas na literatura, comumente excluídas. Os poucos casos que existiam, retratavam uma figura excessivamente sexualizada e caricata, tendo sua sexualidade como principal ou única característica. Nas

primeiras aparições as personagens homossexuais eram usadas como motivo de chacota e eram moralmente erradas, sendo vistas como criminosas, pecadoras e doentes.

Quando colocadas em comparação as personagens analisadas pela autora, as personagens contemporâneas têm sua homossexualidade como apenas mais uma característica, como a cor do cabelo ou a nacionalidade, enquanto que nas obras antecedentes a sexualidade era usada de uma forma provocativa de quebra de padrões, tornando assim as personagens contemporâneas mais comuns e relacionáveis.

Por meio dos estudos de Luiz Mott (1987), em *O lesbianismo no Brasil*, a autora chega à conclusão que a figura homossexual feminina é excessivamente caricata dentro do campo narrativo. A figura antes totalmente ignorada se torna algo que também desvia da realidade sendo tratada da mesma forma que alguma criatura exótica de uma ficção científica, como se não fosse humana. Mott (1987) apresenta um importante panorama da literatura brasileira em seu estudo, ao demonstrar trechos de obras literárias que mostram como o amor entre mulheres eram depreciativamente retratados. Seja de forma vulgarizada, anulada ou até mesmo animalizada.

Durante a análise das obras contemporâneas podemos perceber uma grande diferença: as personagens são retratadas como apenas pessoas comuns que por acaso sentem atração pelo mesmo sexo. Isso não é exagerado, nem super sexualizado é simplesmente amor. Também importante comentar que existe uma crítica indireta ao sistema social e familiar, mas apesar disso não é esse sistema que valida a relação desses casais. As amantes dessas obras não são delimitadas, é apenas uma simples história de amor, que por acaso envolve mulheres homossexuais.

Por fim, a autora chega à conclusão de que autoras e autores contemporâneos, como Cintia Moscovich e Carol Bensimon, constituem um novo discurso literário em que não há necessariamente distinção de gênero ou sexualidade, mas sim novos fluxos e trânsitos para se pensar as personagens homossexuais femininas. Sendo tratadas de forma mais humana e facilmente relacionáveis e não de forma depreciativa e excludente.

Esse mesmo discurso literário que Defillipo mostra é perceptível na obra de Martins, pois o fato da história de Jonas ser de um relacionamento homossexual é irrelevante para a trama e para a mensagem que o autor quer passar. Nenhum dos personagens LGBTs é aquela figura caricata de antigamente, possuem diversas camadas, Jonas principalmente. Ele sempre

questiona suas crenças e como lidar com elas ao longo da trama; se encontra em conflito por amar sua mãe, mas sabe que a pessoa que ele é lhe traz muito sofrimento, mas ele não pode se submeter a isso mais. Nenhum dos personagens LGBTs são retratados de forma depreciativa ou excludente, pelo contrário, encontramos um senso de coletividade quando todos os amigos de Jonas se unem para lhe dar apoio quando ele perde sua base familiar. As personagens são únicas e inovadoras por serem comuns e não usam a sexualidade como sua única característica.

O ponto central da trama é de que o protagonista foi expulso de casa por não se adequar aos padrões sociais estabelecidos pela maioria da sociedade. A obra pode ser interpretada como uma crítica ao sistema social e familiar. Se é esperado pela sociedade que família seja seu grupo de apoio mais importante que não deve ser questionado, por mais mal que isso possa causar no seu psicológico e sua saúde. E no livro encontramos outra opção que pode ser a solução para muita gente.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivos, primeiramente, estabelecer um panorama da história do movimento LGBT, ao mesmo tempo em que introduzia os dados sobre a obra e o autor para que a análise pudesse ser mais crítica e existir uma justificativa para estabelecer a forma como os LGBTs são representados na literatura. Também foi necessário estabelecer a forma como o social se manifesta na literatura utilizando os estudos de Candido e de Silva como base para tal abordagem, pois sem isso não poderíamos perceber de que forma a literatura consegue impactar no social. Assim, foi possível mostrar de que forma Martins conseguiu representar os elementos sociais e a própria representação em si dos personagens LGBT em *Um milhão de finais felizes*.

Vimos que o social é parte intrínseca da literatura, onde uma parte afeta a outra. De acordo com Bakhtin ainda cada palavra vem carregada com seu próprio contexto social, seu próprio sentido dentro dele. Bakhtin organizou uma teoria que não separa a língua do social. Não existe um real escondido para ser encontrado dentro da literatura, mas sim uma diversidade social com vários contextos e posições ideológicas dos autores, são partes de determinadas vidas sociais. Percebemos na obra um novo discurso literário que vem se manifestando em diversos autores contemporâneos, do ponto de vista de uma minoria que finalmente conseguiu adquirir algum espaço para que possa ser ouvida. Com isso nota-se uma nova representação que foge da concepção ultrapassada, na qual, os LGBT eram vistos como criminosos, pecadores e doentes. Não são mais uma figura caricata e depreciativa, que contribuem para divulgação de ideias e conceitos estereotipados, reafirmando conceitos do imaginário social. A estereotipação pode naturalizar e fixar conceitos retrógrados. O personagem ser LGBT não passa apenas de uma característica como a cor do seu cabelo, ou dos olhos. Ele é mais do que sua sexualidade. De certa forma vemos também uma crítica ao sistema familiar e a noções do senso comum a respeito das funções de gênero. Essa representação traz visibilidade de personagens que não se encaixam na norma, contribuindo para o entendimento e a compreensão de grupos invisibilizados.

A luta LGBT é uma batalha constante para alcançarmos os nossos direitos. Esse novo rumo que a literatura aparenta estar seguindo é uma grande vitória e pode ser de grande ajuda.

No entanto, ainda se tem muito pelo que batalhar dentro mesmo da própria comunidade. Nem todos têm as mesmas oportunidades, o racismo e a transfobia, por exemplo, são fatores que trazem grande desigualdade. Mesmo com algumas pedras no caminho, como o caso da Bienal do livro citado no segundo capítulo, pessoas, como Vitor Martins, e obras, como Um milhão de finais felizes trazem novos olhares e perspectivas de futuro.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Eleonora Beatriz Ramina *et al.* As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969). **Epígrafe**, n. 7, v. 7, p. 97-108. 2019.

BEZERRA, Alana Rodrigues *et al.* Movimento LGBT: breve contexto histórico e o movimento na região do Cariri. *In: Anais*, IV SEMINÁRIO CETROS

CANABARRO, Ronaldo. História e direitos sexuais no Brasil: o movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. *In: Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional*, 2013, Passo Fundo [...]. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/historiaedireitoscanabarro.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DEFILIPPO, Juliana Gervason. Cíntia Moscovich e Carol Bensimon: a personagem homossexual feminina na literatura brasileira contemporânea. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 49, p. 275-287, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048>. Acesso em: 15 set. 2020.

FREITAS, Eliane Martins de *et al.* Resignificando a homossexualidade: o jornal Lampião da Esquina e a ditadura civil militar. **Dossiê Culturas e Políticas de Comunicação na Sociedade**, [s. l.], v. 14, ed. 1, 20 fev. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/46889/25195>. Acesso em: 15 set. 2020.

GRUPO GAY DA BAHIA - GGB. O que é o GGB (nossa história) [s. l.], 2017. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>. Acesso em: 16 set. 2020.

JUCÁ, Beatriz. Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do livro do Rio. **El País**, [S. l.], 7 set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html. Acesso em: 15 set. 2020.

MARTINS, Vitor. **Um milhão de finais felizes**. 1. Ed. São Paulo: Globo Alt, 2018.

MARTINS, Vitor. **Entrevista: Vitor Martins**: em entrevista ao vai lendo, o youtuber e ilustrador vitor martins fala sobre o seu primeiro livro, ‘quinze dias’, representatividade e diversidade na literatura young adult. [S. l.], 31 jul. 2017. Disponível em: <https://www.vailendo.com.br/2017/07/31/entrevista-vitor-martins/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MARTINS, Vitor. **Ilustrador e youtuber Victor Martins lança novo romance “Um milhão de finais felizes”**. [S. l.], 8 set. 2018. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/ilustrador-e-youtuber-victor-martins->

lanca-um-milhao-de-finais-felizes-este-e-o-segundo-romance-do-autor. Acesso em: 10 jun. 2020.

NEODESENVOLVIMENTISMO, TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL, 2013, Fortaleza. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17121-08072013-173342.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019**: relatório do Grupo Gay da Bahia [S. l.], 2020; Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 16 set. 2020.

PRATA, Marcelo Ricardo. O Movimento Homossexual no Brasil. In: PRATA, Marcelo Ricardo. **A discriminação contra os homossexuais e os movimentos em defesa de seus direitos**. 2009. Tese (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [S. l.], 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13134@1&msg=28#>. Acesso em: 15 set. 2020.

SANTOS ADVOGADOS ASSOCIADOS. **Conheça as lutas e conquistas do movimento social LGBTQ no Brasil**. [s. l.], 2019. Disponível em: <https://blog.santosadvogadosassociados.com/movimento-social-lgbt/>. Acesso em: 16 set. 2020.

SILVA, Luciana Marinho Fernandes da. Literatura e sociedade: da teoria do reflexo à construção discursiva de identidades sociais. **Revista Graphos**, v. 7, n. 1, p. 141-146 jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9455/5108>. Acesso em: 21 out. 2020

ZAMBRANO, Elizabeth; HEILBORN, Maria Luiza. Identidade de gênero. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Antropologia e Direito**: temas antropológicos para estudos jurídicos. Brasília, 2012. p. 412-419. Disponível em: http://laced4.hospedagemdesites.ws/wp-content/uploads/2020/02/ANTROPOLOGIA-E-DIREITO_2012.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020